

bənê ʾiš
– os “filhos de homem” na Bíblia Hebraica
Oswaldo Luiz Ribeiro
16/05/2009

Resumo: o ensaio analisa as seis ocorrências da expressão bənê ʾiš (“os filhos de homem”) na Bíblia Hebraica, para concluir pelo potencial equívoco de a tradição judaica e cristã medieval e moderna considerá-las sinônimos de “homens nobres”, quando, à luz das passagens, somente duas, Gn 42,11.13, permitem uma identificação independente e direta do grupo social contemplado pelo sentido do termo – os homens” em geral, não, os “nobres”, sentido esse que deve sobredeterminar o sentido das demais ocorrências não-determinadas. No conjunto, o ensaio postula que a tradição deve inverter o sentido com que trata bənê ʾiš – passando de “nobres” para “plebeus” – e ben-ʾādām – passando de “plebeus” para “nobres”.

Introdução

São apenas seis as ocorrências do termo bənê ʾiš na Bíblia Hebraica: Gn 42,11.13; Sl 4,3; 49,3; 62,10 e Lm 3,33. Na Bíblia Hebraica, perfila-se ao lado de outros termos com os quais seu sentido costuma ser algumas vezes propositadamente confundido: bənê-ʾādām, ben-ʾādām, ben-ʾenôš e ʾenāš¹. A importância da histórico-socialmente adequada determinação do sentido de bənê ʾiš deve-se, fundamentalmente, ao fato de que ele é usado para ratificar o sentido do termo que lhe seria eventualmente oposto: bənê-ʾādām. Desde pelo menos Maimônides² e Calvino³ que se estabeleceu – e equivocadamente – o “consenso” de que bənê-ʾādām nomeia o “povo” em geral, o povo pobre, os “plebeus”, e bənê ʾiš, o povo “rico”, os nobres. A análise das ocorrências de bənê ʾiš, contudo, revela o fato de que não se pode, impunemente, ratificar essa tradição.

¹ Cf. Donald E. GOWAN, *The Westminster Theological Wordbook of the Bible*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2003, p. 126-127. Os termos bənê ʾiš e bənê-ʾādām são dados como “paralelos” e, meso, sinônimos - que não procede (cf. Sl 49,3 e 62,10) em H. HAAG, בְּנֵי־אָדָם – ben-ʾādām, em: Johannes BOTTERWECK e Helmer RINGGREN (ed), *Theological dictionary of the Old Testament*. V. II. Rev. ed. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 1999, p. 161.

² Cf. Moses MAIMÔNIDES. *The Guide for the Perplexed*. Trad. de Michael Friedländer. 4 ed. Forgotten Books, 1925 (1903¹).

³ Cf. Jean CALVIN. *Commentary on the Book of Psalms – II*. Edinburgh: Calvin Translation Society, 1846, p. 236. Já então se atribuía a “rabinos judeus” e a “cristãos modernos” a identificação dos bənê-ʾādām com os “pobres” e dos bənê ʾiš com os “nobres”. Contemporâneo de Calvino, Sebastian Münster (1537) afirmava o mesmo (cf. Delbert Royce BURKETT, *The Son of Man Debate*. New York: Cambridge University Press, 1999, p. 15-16). Pouco depois, já no século XVII, Henry Ainsworth afirmava a mesma coisa, assumindo que ʾādām, mesmo na expressão bənê-ʾādām, guarda a referência à ʾādāmā^h, conforme estabelecido e Gn 2,7 – daí que, então, esses bənê-ʾādām são “the baser sort of people”, de modo que, no Sl 49,3, os bənê ʾiš são, ao contrário, os “nobres” (cf. R. A. MULLER, “Henry Ainsworth and the Development of Protestant Exegesis in the Early Seventeenth Century”, em: Richard Alfred MULLER. *After Calvin: studies in the development of a theological tradition*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 163). O presente artigo tem por objetivo corrigir esse ponto da tradição, invertendo a relação proposta.

Análise das ocorrências de *bənê ʾiš* na Bíblia Hebraica

Gn 42,11.13

bənê ʾiš-ʾeḥād

A fórmula de Gn 42,11.13 é peculiar, e, por isso, praticamente inequívoca. A primeira ocorrência traz a sentença: *bənê ʾiš-ʾeḥād* – “todos nós somos filhos do mesmo homem” (TEB – nesse caso, eram todos filhos de Jacó). Insistem que são honestos, porque os egípcios os acusavam de serem espiões. Os egípcios, orientados por José, insistem que eles eram espiões, e, diante disso, os irmãos de José e filhos de Jacó repetem que eram “filhos do mesmo homem”, em Canaã: *bənê ʾiš-ʾeḥād bəʾereṣ kənāʿna* – “filhos de um mesmo homem na terra de Canaã” (TEB). O restante do enredo não é determinante para que se reconheça a função meramente genérica do termo *bənê ʾiš* nessa passagem em particular. Aliás, ela é a única em que o sentido genérico – “homens” – de *bənê ʾiš* fica evidente na própria passagem.

Os irmãos de José e filhos de Jacó, empregando o termo *bənê ʾiš*, diziam exatamente isso: somos irmãos, e isso porque somos, todos, filhos de um mesmo homem. “Mesmo”, aí, traduz *ʾeḥād*. Jacó é o pai de todos eles – todos são filhos de um mesmo homem (TEB), do mesmo homem, Jacó. No entanto, o nome de seu pai permanece não-revelado, de modo que a expressão se torna genérica e anônima⁴. A ausência de *ʾeḥād* simplesmente tornaria a expressão mais genérica, menos determinada: todos somos filhos de homem.

Nada, absolutamente nada em Gn 42,11.13 permite que se aplique ao termo *bənê ʾiš* outra coisa que não o sentido muito amplo e trivial de “filhos de homem”. Não se trata de gente necessariamente “importante”. Não se trata de gente “nobre”. O sentido é apenas genérico – “somos homens”, e pronto. Homens como todos os outros. Homens comuns. Eventualmente, até, homens com fome.

Sl 4,3 (em Almeida, v. 2)

bənê ʾiš

“Ó filhos de homem, até quando⁵ minha glória *será* para desprezo?” (4,3b – em Almeida, v. 2b). Se, importada de Gn 42,11.13, vinga a tese de que os *bənê ʾiš* emprestam-se justamente a esse tipo de referência, no Sl 4,3, “filhos de homem” constituiria um termo de admoestação genérica. Os “filhos do homem” que aí estão sob acusação seriam, simplesmente, “homens” – como quer a TEB: “ó homens, até onde ireis?”.

Todavia, não é esse o entendimento, por exemplo, de Alonso-Schökel e Cecília Carniti: “*bny ʾysh*: (...) Distinguem-se dos *bny ʾdm* como nobres de plebeus, autoridades de

⁴ Nathan KLAUS. *Pivot Patterns in the Former Prophets*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999, p. 169.

⁵ “Até quando?”, cf. *ʿad-me^h* em Luís ALONSO-SCHÖKEL, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 356-357.

plebe”⁶. Em consonância com essa pressuposição, os autores traduzem: “Senhores, até quando se ultrajará minha honra”? Sendo assim, afirmam que, na estrutura, os v. 4-6 constituem “Discurso aos *nobres*: pergunta retórica e sete imperativos”⁷.

Mas como chegaram os autores à constatação de que os *bənê ʾiš*, aí, referem-se aos “nobres”? Pois bem: indica-se, *in loco*, para Sl 49,3[2] e 62,10[9]. São essas as duas passagens da Bíblia Hebraica onde os termos *bənê ʾiš* e *bənê ʾādām* encontram-se justapostos em clara oposição de sentido, um termo indicando para o povo comum e, o outro, indicando a gente da classe alta. Essa distinção é inequívoca. Mas quem é quem? Como se viu, a “tradição”, desde Maimônides e Calvino⁸, decidiu que se trata da relação: *bənê ʾādām* designaria os pobres, os plebeus, a gente comum, e *bənê ʾiš*, ao contrário, os ricos, os nobres, a gente importante. A “tradição” assim quis, e assim tem sido.

É com base, pois, nessa tradição, que a identidade dos *bənê ʾiš* no Sl 4,3[2] se estabelece. Alonso-Schökel e Carniti podem identificá-los, ao passo que não o fazem em relação aos *rabbīm* do v. 7 (6, em Almeida), apontando apenas a distinção entre ambos: “são diversos dos *rabbīm* do v. 7, formam outro grupo”⁹. Entretanto, é o salmista quem fala no v. 2, dirigindo-se a Deus, nos v. 3-6, dirigindo-se aos *bənê ʾiš*, e, ainda, nos v. 7-9, em que, dirigindo-se, novamente, a Deus, refere-se aos “muitos”, depois de ter-se dirigido diretamente aos *bənê ʾiš*¹⁰. Os “muitos” podem ser os próprios

⁶ Cf. Luís ALONSO-SCHÖKEL e Cecília CARNITI. *SALMOS I – 1-72: tradução, introdução e comentário*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 155. Também não a de S. Edward TESH e Walter D. ZORN. *Psalms. Volume 1*. Missouri: College Press, 1999, p. 107. E basta: Samuel Terrien é categórico: “os filhos dos notáveis” constituiria uma expressão “rara” – e cita Sl 49,3[2]; 62,10[9] e Lm 3,33. Esses “filhos dos notáveis” são os *bənê ʾiš*, em oposição aos “filhos do povo comum”, em suas “62 vezes” apenas nos Salmos – com o que se refere aos *bənê ʾādām* (cf. Samuel L. TERRIEN. *The Psalms: Strophic Structure and Theological Commentary*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 2002, p. 97). O presente ensaio não pode acompanhar os autores citados.

⁷ *Idem*, p. 158, grifo meu (cf., ainda, p. 160).

⁸ Cf. notas 2 e 3.

⁹ *Idem*, p. 155.

¹⁰ Não é decisivo, mas registre que recentemente Marti J. Steussy interpretou o salmo como um lamento da liderança da cidade em face do abandono que o povo lhe reserva, sob a alegação de que Deus abandonara o governo. Assim, o vocativo *bənê ʾiš* e os *rabbīm*, ao contrário do que postula Alonso-Schökel, seriam as mesmas pessoas, o mesmo grupo, o povo, em oposição a líder que lhes condena a atitude de deserção (cf. Marti J. STEUSSY. *Psalms*. St. Louis: Chalice Press, 2004, p. 76-77). Por outro lado, a opinião de Erhard Gerstenberger vai na direção oposta e, dessa vez, mencionando explicitamente os *bənê ʾiš*. Gerstenberger considera que ainda que pouca, a evidência sobre a identidade dos *bənê ʾiš* na Bíblia Hebraica apontaria para a sua caracterização como sendo os “nobres”, o que seria corroborado pelo v. 8, “que claramente reflete tensão social” (cf. Erhard GERSTENBERGER, *Psalms: part 1: with an introduction to cultic poetry*, Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 1988, p. 55). Contudo, se há tensão social, e Marti J. Steussy igualmente o pressupõe, há que se admitir que, nesse caso, aqueles que são interpelados pelo orante, sejam aqueles do v. 3-6, sejam aqueles dos v. 7-9, constituam o mesmo grupo. Se o orante representa a liderança da cidade, segue-se que os *bənê ʾiš* não poderiam ser os nobres (mas Gerstenberger admite poder tratar-se de gente do próprio grupo do orante, e, com isso, torna-se cada vez mais difícil determinar-se por meio do próprio salmo a identidade dos *bənê ʾiš*), mas, nesse caso, o “povo”, como pressupõe Marti J. Steussy. Salvo, naturalmente, se é o povo quem fala – mas, nesse caso, faria algum sentido? James Limburg considera que se deva associar o Sl 4 ao rei e que haja algum tipo de problema na comunidade – isso poderia significar que o “líder” (Marti J. Steussy) se dirigisse, por essa razão (James Limburg), isto é, por conta de uma tensão social (Erhard Gerstenberger), ao povo (isto é, os *bənê ʾiš*)? (cf. James LIMBURG. *Psalms*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2000, p. 11-12).

bənê ʾîš. Também podem ser outras pessoas. Não há como se determinar absolutamente seja a identidade de um, seja a identidade do outro grupo. Como disse Mark David Futato, “nós não sabemos quem são os homens que estão em 4,2”¹¹. Não, pelo menos, por meio de Sl 4,3.7. E isso a despeito da grande “tradição” medieval. Quando se afirma que os bənê ʾîš constituem os “nobres”, ela o diz por força de se estar, aí, a repetir, acriticamente, uma “tradição”.

Por outro lado, se se assume a possibilidade de importação do resultado da análise de Gn 42,11.13 para o Sl 4,3[2], a balança pende muito mais plausivelmente para a identificação dos bənê ʾîš com o povo genérico – “homens” –, e, aí, a “tradição” de relacioná-los aos nobres revela-se sem fundamento sustentável.

Sl 49,3 (em *Almeida*, v. 2 – cf. Sl 62,10[9] e Is 2,9)

gam-bənê ʾāḏām gam-bənê-ʾîš yaḥaḏ ʿāšîr wəʿebyôn

“Tanto ‘os filhos de Adão’ quanto ‘os filhos de homem’, juntamente, rico e pobre”. A estrutura poética do Sl 49,3[2] deve ser interpretada como? Trata-se de um paralelismo poético sinónimo clássico: A – B – A’ – B’, ou, antes, de um paralelismo poético sinónimo quiasmático: A – B – B’ – A’? Observe-se:

gam-bənê ʾāḏām	gam-bənê-ʾîš	também os “nobres”,	também os “plebeus”
yaḥaḏ	ʿāšîr	wəʿebyôn	juntamente, rico
			e pobre

Por meio da estrutura poética em si não se pode determinar indiscutivelmente o que equivale a que. Se a estrutura for clássica, bənê ʾāḏām equivale a “rico”, se a estrutura for quiasmática, bənê ʾāḏām equivale a “pobre”. Igualmente, se a estrutura for clássica, bənê-ʾîš equivale a “pobre”, se for quiasmática, a “rico”. A tradição não pode ter-se baseado em Sl 49,3[2] para afirmar que bənê-ʾîš indica os “nobres”. Se o fez, foi improcedentemente que o fez, porque ela terá de ter, primeiro, decidido, por si mesma, que se trata de um paralelismo quiasmático. Mas com base em que autoridade o fez? Não teria sido muito mais “natural” ter-se considerado esse um modelo clássico de paralelismo?

A única informação segura que se pode extrair de Sl 49,3[2] é que os dois termos são antagónicos, isto é, que, quando aplicados à sociedade, um se refere à classe alta, enquanto o outro se refere à classe baixa¹². Um fala de “nobres”, outro, de “plebeus”. Todavia, quem fala de quem, com base no Sl 49,3[2], isso não se pode afirmar. E, no entanto, a “tradição” – por esse caminho – o afirmou.

Argumente-se, contudo, o seguinte: primeiro, o caso de Gn 42,11.13 – ali, muito plausivelmente e pouco discutivelmente, bənê-ʾîš indica um conjunto genérico de

¹¹ Cf. Mark David FUTATO. *Interpreting the Psalms: An Exegetical Handbook*. Grand Rapids: Kregel Publications, 2007, p. 122.

¹² Ao menos se o antagonismo entre “rico” e “pobre”, que lhes vai na seqüência, igualmente se aplica aos dois termos. Para “rico” *versus* “pobre”, também em Sl 49,3[2], cf. Cyril S. Rodd. *Glimpses of a strange land: studies in Old Testament ethics*. Edinburgh: T&T. Clark, 2001, p. 163-164.

“homens”; segundo, Sl 49,3[2] põe nos pólos opostos de uma totalidade¹³ os *bənê-ʔiš* e os *bənê ʔāḏām*, afirmando que um dentre eles (qual?) designa o rico e outro (qual?) o pobre; terceiro, uma vez que Gn 42,11.13 permite relacionar os *bənê-ʔiš* aos “homens” genericamente falando, resulta plausível que se aplique aí essa informação, resultando na identificação dos *bənê-ʔiš* com o “pobre”; quarto, a estrutura mais simples – paralelismo poético sinonímico clássico – ratificaria essa possibilidade, já que, nesse caso, *bənê-ʔiš* encontrar-se-ia e paralelo com “pobre”, ao passo que *bənê ʔāḏām*, com “rico”. Por essa via de raciocínio, que me parece razoável, a “tradição” – e a literatura especializada que a segue – revela(m)-se equivocada(s), quando identifica(m) os *bənê-ʔiš* com os “nobres”.

Sl 62,10 (em *Almeida*, v. 9 – cf. Sl 49,3[2] e Is 2,9)

ʔaḵ hebel bənê-ʔāḏām kāzāḅ bənê ʔiš

Aplique-se ao Sl 62,10[9] rigorosamente o que se disse do Sl 49,3[2] – com base estritamente no texto, não se pode determinar quem é quem¹⁴, com o agravante de que, aqui, não há termos em paralelismo com *bənê-ʔāḏām* e *bənê ʔiš* – é apenas um diante do outro, opondo-se-lhe. Sim, evidencia-se uma referência a um conjunto de pessoas, designando tal conjunto por meio de dois termos polares: *bənê-ʔāḏām* e *bənê ʔiš*. Mas a que pólo pertence *bənê ʔiš*? Ao pólo dos “nobres”? Com base em que se pode afirmar isso? Não, certamente, sob nenhuma circunstância, com base no texto.

Haveria apenas um modo de, ouvindo-os, saber-se do que se trata: os ouvintes originais tanto do Sl 49,3[2] quanto do Sl 62,10[9] sabiam, porque se tratava de uma informação de sua própria cultura, quem era quem, quem eram os *bənê-ʔāḏām* e quem eram os *bənê ʔiš*. A nós, leitores *outsiders*, somente de posse, primeiro, da informação cultural é que nos cabe a igual compreensão histórico-social da intenção semântica com que os termos foram, então, empregados e pronunciados¹⁵.

Ora, com base em Gn 42,11.13, se poderia adquirir a informação cultural de que os *bənê ʔiš* são pessoas “comuns”, que *bənê ʔiš* constitui designação para um grupo genérico de pessoas, de homens, naquele caso, os irmãos de José e filhos de Jacó, estrangeiros no Egito, atrás de pão. De posse dessa informação, aí, sim, se poderia entrar tanto no Sl 4,3[2] quanto no Sl 49,3[2] e 62,10[9], decodificando-os, também aí, como decodificados estão em Gn 42,11.13 – os *bənê ʔiš* são pessoas comuns, o termo, aí, designando, então, não os nobres, mas, ao contrário, os plebeus.

¹³ Para a totalidade pressuposta, cf. Charles Augustus BRIGGS e Emilie Grace BRIGGS. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Psalms. In two volumes. Volume I.* London/New York: T&T Clark International, 1987, p. 405.

¹⁴ Cf. Is 2,9: “derruba-se o Adão e abate-se o homem, e tu não os levantas”. “Adão” (*ʔāḏām*) e “homem” (*ʔiš*), aí, designam partes opostas da sociedade, como, em Sl 49,3 e 62,10, os *bənê-ʔāḏām* e os *bənê ʔiš*? Se sim, não se pode, contudo, por aí, determinar quem é quem. Por outro lado, com base em Jr 32,20 não se pode argumentar a favor da condição popular de *ʔāḏām*.

¹⁵ Quanto a isso, cf. Norman Karol GOTTWALD. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica.* São Paulo: Paulinas, 1988, p. 503.

Lm 3,33

bənê-ʔiš

Foi com Alonso-Schökel que se introduziu a celeuma: bənê ʔiš são os nobres, no Sl 4,3[2]. Mas lá, viu-se, não está o fundamento da afirmação – ele é buscado fora. E, como se Sl 49,3[2] ou 62,10[9] pudessem suprir a informação, era desde lá que, supostamente, se resolvia a questão. Equivocadamente, é certo.

Agora, entretanto, quanto a Lm 3,33, o próprio Alonso-Schökel abre a possibilidade de se tratar do povo da cidade, logo, de plebeus. Para Alonso-Schökel, Lm 3 vê aparecer um personagem anônimo que fala em nome da cidade. Arrisca-se uma identidade: Jeremias, ou alguém se pondo no lugar de Jeremias¹⁶. Ora, com isso, desfaz-se a possibilidade de os bənê ʔiš do v. 33 serem os “nobres”, porque Jeremias não se faz contar entre eles. Sobre Lm 3,15, Alonso-Schökel chega a afirmar: “de acordo com Jr 9,14; 23,15, esse castigo era destinado ao povo. As sortes do povo e do profeta se fundem”¹⁷. Alonso-Schökel põe lado a lado, como uma grandeza social, “Jeremias” e o “povo”, e volta a relacioná-los nos v. 25-26: “nos tempos de Jeremias, em relação a ele diante da perseguição, e em relação ao povo diante da invasão”. E, contudo, cala-se diante de Lm 3,33. Nenhuma palavra sobre os bənê ʔiš que aí aparecem. Todavia, se é correto afirmar que até aí se vai falando de “Jeremias” e do “povo”, nada mais natural – e tão natural que se tenha considerado desnecessário referir-se a eles – do que ver aquele mesmo “povo” nestes bənê ʔiš. Essa parece ser, por exemplo, a intenção com que Elizabeth Boase se refere a essa passagem, afirmando que Deus não se agradaria de afligir “ninguém” – bem, “ninguém” é suficientemente genérico para ser suportado pela expressão bənê ʔiš¹⁸. A autora não é exatamente explícita, ela tem em vista outras chaves de aproximação a *Lamentações*, mas parece ser adequado admitir que, se ela tivesse em vista o sentido de “nobres” teria empregado um termo mais específico para bənê ʔiš, e não “anyone”.

Ora, no Sl 4,3[2], Alonso-Schökel e Carniti afirmaram que os bənê ʔiš diferem dos bənê ʔādām. E, uma vez que os tratam, lá, de “senhores”, consideram os bənê ʔiš como “nobres” – “senhores”. E, contudo, aqui, em Lm 3,33, ainda que se silencie, Alonso-Schökel força-nos a uma interpretação dos bənê ʔiš como sendo o “povo”. Mas quem são, afinal, os bənê ʔiš? O Sl 49,3[2] e o 62,10[9] tratam-nos como opostos aos bənê ʔādām. Logo, os “filho de homem” são um tipo de gente, e os “filhos de Adão”, um outro tipo. Será possível que os bənê ʔiš sejam “nobres” no Sl 4,3 e “plebeus” em Lm 3,33?

Não seria mais adequado pressupor-se que, a rigor, apenas Gn 42,11.13 deixa pouca margem de dúvida sobre a identidade semântica de bənê ʔiš, e que, ali, se trata muito mais plausivelmente da gente comum, do povo, do que de “nobres”? Não seria mais adequado admitir-se que o Sl 49,3[2] e o Sl 62,10[9] apenas acrescentam a Gn 42,11.13 a informação de que os bənê ʔiš são um grupo diferente e polar em relação aos bənê

¹⁶ Também Norman Karol GOTTWALD, *op. cit.*, p. 503.

¹⁷ Cf. Luís ALONSO-SCHÖKEL, *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1990, nota a Lm 3,15. Para as informações do parágrafo, cf. p.1989-1992.

¹⁸ Cf. Elizabeth BOASE. *The Fulfilment of Doom? The dialogic interaction between the book of Lamentations and the pre-exilic/early exilic prophetic literature*. Edinburgh: T&T Clark, 2006, p. 227.

ʿāḏām, e que, sendo assim, se Gn 42,11.13 dão os bənê ʿîš por gente do povo, resulta necessário identificar-se o outro grupo – os bənê ʿāḏām – como o grupo oposto, logo, os “nobres”? Sendo assim, não seria mais adequado, então, aplicar-se essa informação tanto ao Sl 4,3[2] quanto a Lm 3,33, e assumir-se, por meio desse raciocínio, que aí também, como em toda a Bíblia Hebraica, então, os bənê ʿîš são o povo comum, a gente simples, a gente do povo – os “plebeus”?¹⁹

Conclusão

Das seis ocorrências de bənê ʿîš na Bíblia Hebraica, apenas duas – Gn 42,11.13 – podem ser consideradas como relativamente seguras para a determinação da identidade do grupo político-social por esse termo designado: tratar-se-iam das pessoas comuns dentre o povo, a gente simples, eventualmente refugiada da fome, irmão, filhos, parentes, amigos, isto é, um grupo genérico de homens, o povo, os “plebeus”. De nenhuma outra ocorrência se pode dizer indiscutivelmente o mesmo, se se conta apenas com a própria ocorrência, conquanto se possa aplicar o sentido adquirido em Gn 42,11.13 e, assim, interpretar-se perfeitamente a passagem. Em todas, “povo” cabe perfeitamente bem.

Das ocorrências de Sl 49,3[2] e 62,10[9], obtêm-se mais uma informação: os bənê ʿîš constituem um grupo político-socialmente oposto aos bənê ʿāḏām. Particularmente Sl 49,3[2] deixa claro que se trata, num caso, dos “plebeus”/pobres e, no outro, dos “nobres”/ricos. Todavia, não se pode, desde apenas aí, determinar quem é o pobre, quem é o rico, quem é o nobre, quem é o plebeu, salvo se se determina *a priori* qual o caso de paralelismo poético sinonímico cabe aplicar na interpretação da passagem – se clássico, os nobres são os bənê ʿāḏām, se quiasmático, os nobres são os bənê ʿîš. Todavia, pode-se aplicar, aí, a informação de Gn 42,11.13 – se lá os bənê ʿîš são o povo comum, os “homens”, resta necessário que aqui também eles o sejam, de modo que Gn 42,11.13 pode/deve funcionar como chave hermenêutica para a determinação da relação entre bənê ʿîš e “plebeus”/“pobre” no Sl 49,3[2] e “plebeus” no Sl 62,10[9].

Finalmente, por meio da informação articulada pelas passagens de Gn 42,11.13, Sl 49,3[2] e Sl 62,10[9] de que os bənê ʿîš correspondem ao “povo” pobre, a gente comum, as pessoas de modo geral, os “homens”, genericamente referidos, mas não os “nobres”, que, nesse caso, são designados pelo termo bənê ʿāḏām, pode-se, agora, aplicar esse sentido articulado finalmente a Sl 4,3[2] e a Lm 3,33, determinando-se assim que, em toda a Bíblia Hebraica, e contrariamente ao que reza a tradição, os bənê ʿîš não são os “nobres”, mas “os pobres”.

Resumindo, na Bíblia Hebraica, pode-se afirmar que os bənê ʿîš constituem um grupo político-social formado pelo povo comum, pelas pessoas das classes populares, pelos “plebeus”, pelos “homens” genéricos em geral, isso em oposição técnica aos “nobres” e às pessoas das classes altas, nesse caso, designadas pelo termo polar bənê ʿāḏām. O

¹⁹ Ganha força essa hipótese se a ela for acrescentada a argumentação de Erhard Gerstenberger quanto a tratar-se Lm 3 de uma peça litúrgica própria de uma comunidade sinagoga pós-exílica, a quem dificilmente cairia bem o adjetivo de “nobres” (cf. Erhard GERSTENBERGER. *Psalms, Part 2, and Lamentations*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 2001, p. 496).

quê? A tradição não o disse? Bom, sempre é tempo de corrigir a tradição. Ou não...

Oswaldo Luiz Ribeiro
Rua Cosmorama 900 (Rua dos Colibris 52)
Edson Passos – Mesquita/RJ
26582-020
osvaldo@ouviroevento.pro.br
www.ouviroevento.pro.br